

Respostas  
que só  
a carta  
pode  
fornecer

ESTADO DE S. PAULO — Segunda-feira, 8-1-79

Serviço, meu caro Papão,  
Acha uma notícia que te interessa.

Abreção  
Jacó  
27.4.79

# Divulga-se



Os destaques do ano ficam com a dinamização de algumas instituições, o debate cultural, a esperança em artistas jovens e, principalmente, a iniciativa empresarial utilizando a arte.

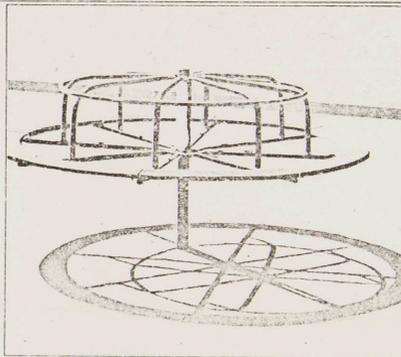
## A afirmação da produção artística, em um ano de aparente confusão.

Apesar da aparente confusão do ano brasileiro de arte, 1978 foi marcado pela afirmação vigorosa da produção artística e intelectual. Dentro desta perspectiva houve a presença de alguns artistas maduros, a esperança em artistas jovens, a iniciativa empresarial utilizando arte, o debate cultural, a dinamização de algumas instituições, o ativismo nacional em torno da escultura e o surgimento de uma editora, além da reafirmação de uma constante atividade editorial. E, evidentemente, alguns acontecimentos menores, divertidos e risíveis, ainda que disfarçados com o dialeto revolucionário.

Wesley Duke Lee atingiu o seu momento mais expressivo com uma série de 36 desenhos (Museu de Arte de São Paulo) onde aborda as nossas relações com a mitologia pré-cristã. Arcangelo Ianelli (Museu de Arte Moderna), em exposição onírica, mostrou o seu caminho da figura à abstração, percorrendo quase protótipo para a maioria dos artistas modernos. E foi capaz de apresentar a linha de um trabalho que o conduziu ao atual amadurecimento. Marcelo Grassmann (galeria Grifo) expôs os seus desenhos plenos de emoção contida e de brilho metafísico. A sua condição de grande desenhista afirmou-se nesta mostra que, além disso, serviu de parâmetro para estabelecer o nível do desenho brasileiro por um de seus pontos culminantes. Israel Pedrosa (MASP), II Bienal Latino-Americana e Simpósio Bienal finalmente mostrou em São Paulo o resultado de suas pesquisas em torno do cromatismo, trabalho realizado durante 27 anos. A sua presença dignificou a forma e contribuiu para o estudo da especificidade da arte.



Grubira e TV, de Gregório Gruber.



Gira-Gira, de Newton Mesquita.

Entre os jovens, as esperanças se afirmaram com Gregório Gruber (galeria A. Bonfiglioli), artista dotado de forte carga emocional e de um virtuoso desenho; Berenice Godini (1ª B.L.Americana), uma criadora de realidades, autora de vestes ritualísticas e místicas; Luis D'Horta (galeria A. Bonfiglioli), com a remontagem sentimental de memórias brasileiras através de materiais não nobres; Maria Tomasselli Cirre Lima (1ª B.L.Americana) com um desenho expressivo, feito de indagações, sensibilidade e arrojo; Newton Mesquita (Museu de Arte Brasileira e galeria Projecta), um jovem de incrível sensibilidade para os signos urbanos e dotado de um traço sensível e intimista.

Para a atividade museológica cabe destacar a atividade da Pinacoteca do Estado, Museu Lasar Segall e Museu de Arte de São Paulo, entidades que patrocinaram as principais exposições, debates e polemias. Entre as galerias destaca-se a atividade da Graphus pela organização das mostras de Carlos Oswald e Axel Leskoschek. No que toca a Bienal de São Paulo, a realização de seu Simpósio, em que pese todas as falhas organizativas, foi de extrema importância, com a livre discussão da arte latino-americana propagada e a consequente desmistificação de alguns nomes, até então, detecedores e proprietários da ideologia da arte latino-americana. Entre as atividades institucionais é de alto interesse assinalar a mobilização de artistas, com produção e exposições especiais pré-candidatura de P.H. Cardoso (galeria Fernando Milani) e promoção de cooperativa (42 gravadores, Museu da Imagem e do Som).

Na área editorial houve a inicial afirmação de Editora Praxis com publicação difícil e de alta qualidade gráfica ("A obra múltipla e a sua contemporaneidade", J. K. "Xingui", Madreen Bisilhat, "Yanomami", Claudio Andujar "Minha viagem à Grécia no Helicóptero de Leonardo Da Vinci", Wesley Duke Lee). E a empreitada da Editora Perspectiva, hoje a mais completa coleção de títulos sobre arte existente no País. Esta editora presta um serviço de qualidade e proximidade intelectual de valor incalculável. Entre as publicações periódicas ressaltam-se as revistas *Shalom*, *Casa Vogue* e *Encontros* com a *Civilização Brasileira* pelo grupo de discussão de arte. E um destaque para a tenacidade e garra da mais antiga publicação do gênero, *Artes*.

Para os livros publicados ocupam lugar de destaque Ianelli, de figurativo ao abstrato, de Paulo Mendes de Almeida, trabalho exemplar de lógica e coerência crítica (edição particular); O Romantismo, de Jacob Guinsburg (edit. Perspectiva), obra indispensável para o leitor brasileiro; Yanomami, de Cláudia Andujar (edit. Praxis), obra fotográfica repleta de dignidade e humanismo sobre a vida de uma tribo; *Mobiliário Brasileiro Bahia*, de Maria Helena Guei Fleixor (edit. Espade), uma publicação séria, minuciosa e bem editada. Na área da comunicação louve-se o esforço da Rhodia editando e distribuindo reproduções de pintura francesa do século XIX (esculpa P. M. Baroli, acervo do MASP) em tiragens de 50 mil exemplares.

Na área da escultura houve uma interes-

sante movimentação nacional. Primeiro, a promessa das 12 esculturas para a Praça do Sé, já com algumas peças prontas. Depois, o importante trabalho de Servílio Esmeraldo, em Fortaleza, com a realização de grandes esculturas. E Carlos Testas, com uma monumental escultura de 20 metros, em Porto Alegre. E, no Rio de Janeiro, Jayme Mauricio organizou uma exposição, com características históricas, de esculturas ao ar livre.

Entre os equívocos destaca-se, no entanto, por seu ar grandiloquente e desprovido de conteúdos, houve episódios como a exposição de Antonio Dias (galeria Global), um artista que esteve no Nepal (lingua no céu da boca, lábios semi-cerrados...) e contribuiu para a inutilização dos famosos papéis indígenas, mitos, vestes, ornatos e ideologias supremo da vanguarda, Hélio Oiticica, saudades dos órgãos genitais para o público, numa postura claramente filosófica; o Manifesto do Naturalismo Integral, texto onde o crítico francês P. Restany pretendia nos convencer a rejeitar o realismo e a cidade em favor do naturalismo e da selva; a exposição Anca 60 (MAB-EAAP, iniciativa particular) onde se continuou de maneira extraordinária, o que realmente foi a década. E, finalmente, as reações à decisão do Juri do Cartão da P.B. L. Americana de não premiar nenhum dos concorrentes. Neste episódio destacou-se o sempre agudo pintor Antonio Henriquez do Amaral que, detentor das verdadeiras parâmetros do Bem e do Mal, classificou os jurados, de forma definitiva e terminante (Folha de São Paulo, página de Fernando Lemos), de fascistas.

JACÓ KLINTOWITZ

Jacó manda